


ERA SÓ O COMEÇO, MAS JÁ ERA TUDO: AMOR, RECONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL

IT WAS JUST THE BEGINNING, BUT IT WAS ALREADY EVERYTHING: LOVE, RECOGNITION, AND BUILDING BONDS IN THE CONTEMPORARY DIGITAL AGE

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.051-001>

Francisco Renato Silva Ferreira

Mestre em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

José Carlos Alves Costa

E-mail: tcharlesalves7@gmail.com

RESUMO

Entre a imprevisibilidade do encontro e a densidade do que se constrói, este artigo investiga a emergência do amor na contemporaneidade a partir de uma experiência iniciada em ambiente digital. Longe de reduzir tais vínculos à superficialidade, a análise propõe compreendê-los como formas legítimas de constituição afetiva, sustentadas por reconhecimento, reciprocidade e produção de sentido. Ancorado em uma abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo articula contribuições da sociologia, da psicologia e da filosofia para evidenciar que a ausência inicial de presença física não impede a formação de intimidade, podendo, em determinados contextos, intensificá-la. Os resultados indicam que a profundidade do vínculo se estabelece menos pelo tempo cronológico e mais pela qualidade das interações e pela abertura ao outro. Conclui-se que o amor contemporâneo não apenas resiste às mediações tecnológicas, mas se reinventa nelas, revelando novas formas de encontro, pertencimento e continuidade.

Palavras-chave: Amor; Vínculos; Contemporaneidade digital.

ABSTRACT

Between the unpredictability of encounter and the depth of what is built, this article examines the emergence of love in contemporary society through an experience initiated in a digital environment. Rather than reducing such bonds to superficiality, the analysis understands them as legitimate forms of affective constitution grounded in recognition, reciprocity, and meaning-making. Based on a qualitative and interpretative approach, the study draws on sociology, psychology, and philosophy to demonstrate that the

initial absence of physical presence does not prevent intimacy, and may even intensify it under certain conditions. Findings indicate that the depth of emotional bonds depends less on chronological time and more on the quality of interactions and openness to the other. It is concluded that contemporary love not only resists technological mediation but is reshaped by it, revealing new forms of connection, belonging, and continuity.

Keywords: Love; Bonding; Digital contemporaneity.

1 INTRODUÇÃO

No horizonte das experiências humanas mais densas e transformadoras, o amor permanece como um dos fenômenos mais complexos e, simultaneamente, mais difíceis de apreender em sua totalidade. Em meio às reconfigurações sociais, culturais e tecnológicas que marcam a contemporaneidade, as formas de encontro, de vinculação e de permanência afetiva têm sido profundamente atravessadas por novas dinâmicas de interação, sobretudo aquelas mediadas por dispositivos digitais. Longe de significar um esvaziamento das relações, tais transformações convidam a uma leitura mais refinada e sensível das maneiras pelas quais os sujeitos constroem laços, reconhecem-se mutuamente e atribuem sentido à experiência amorosa.

A emergência de vínculos que se iniciam em ambientes virtuais desafia concepções tradicionais que associam o amor à presença física imediata, deslocando o eixo da análise para dimensões como linguagem, escuta, identificação e reciprocidade. Nesse cenário, o encontro deixa de ser apenas um acontecimento espacial para se constituir como experiência simbólica, na qual o reconhecimento do outro pode anteceder qualquer proximidade concreta. Como assinala Giddens (1993), as relações afetivas nas sociedades modernas são cada vez mais fundamentadas na comunicação emocional e na construção reflexiva do vínculo, o que amplia as possibilidades de intimidade mesmo em contextos não presenciais.

Sob essa perspectiva, torna-se necessário compreender o amor não como um dado natural ou espontâneo, mas como uma construção social e subjetiva que se desenvolve a partir de interações significativas. Tal compreensão encontra eco na análise de Bauman (2004), ao destacar que, embora as relações contemporâneas sejam frequentemente descritas como frágeis, elas também expressam uma busca intensa por conexão autêntica e duradoura, evidenciando uma tensão constante entre efemeridade e desejo de permanência.

No cenário fluido da modernidade contemporânea, os vínculos humanos tendem a oscilar entre o desejo de proximidade e o medo da fixação, produzindo relações marcadas por ambivalência. Essa mesma fluidez não elimina a necessidade de pertencimento; ao contrário, intensifica a busca por conexões que ofereçam sentido, reconhecimento e continuidade. Amar, nesse contexto, não se reduz a um impulso passageiro, mas configura-se como um esforço contínuo de construção, no qual a escolha pelo outro se reafirma cotidianamente, mesmo diante das incertezas que atravessam a vida social (Bauman, 2004, p. 12-13).

A partir dessa problematização, o presente artigo propõe-se a refletir sobre a constituição de um vínculo afetivo que emerge de forma inesperada no ambiente digital, mas que, desde seus primeiros momentos, apresenta-se como experiência dotada de intensidade, significado e perspectiva de continuidade. Trata-se de analisar como o amor pode se manifestar como reconhecimento imediato, anterior à convivência presencial, sustentando-se em elementos como a escuta sensível, a identificação subjetiva e a construção progressiva da confiança.

Ao considerar que determinadas experiências afetivas parecem escapar às explicações estritamente racionais, torna-se pertinente dialogar com perspectivas que reconhecem a dimensão inconsciente e simbólica do vínculo amoroso. Nesse sentido, Freud (1921) já apontava que os processos de identificação constituem a base de muitas formas de ligação emocional, permitindo compreender por que certos encontros produzem uma sensação de familiaridade e pertencimento desde seus instantes iniciais.

Ademais, a compreensão do amor como prática relacional implica reconhecer que ele não se esgota no sentimento, mas se realiza na ação, na escolha e na permanência. Conforme argumenta Illouz (2007), as emoções, na modernidade, são atravessadas por estruturas culturais e sociais que influenciam a forma como os indivíduos vivenciam e expressam seus afetos, o que reforça a necessidade de analisar o amor em sua dimensão histórica e contextual.

Entre as múltiplas formas de compreender o que nos atravessa enquanto experiência humana essencial, este estudo se justifica pela necessidade de ampliar o debate sobre as formas contemporâneas de constituição do amor, especialmente aquelas mediadas por tecnologias digitais, compreendendo-as não como experiências inferiores, mas como possibilidades legítimas de construção de vínculos profundos. Ao mesmo tempo, busca-se evidenciar que, mesmo em um contexto marcado por incertezas e transformações, o amor continua a se afirmar como experiência fundante da condição humana, capaz de produzir sentido, pertencimento e continuidade.

Quando o inesperado se apresenta como experiência significativa, mais do que como simples acaso, este artigo se propõe a contribuir para a compreensão de como o amor, mesmo em seus primeiros movimentos, pode carregar em si a densidade de algo que já se reconhece como inteiro. Ao refletir sobre um encontro que não se anuncia previamente, mas que se afirma com intensidade desde seus instantes iniciais, busca-se evidenciar que a experiência amorosa não se limita ao tempo cronológico, mas se constitui na profundidade com que é vivida e significada pelos sujeitos. Nessa perspectiva, o vínculo não se

estabelece apenas pela duração, mas pela qualidade do reconhecimento que se produz entre aqueles que se encontram. Há experiências que, embora recentes no tempo, revelam-se completas no sentir, como se o início já contivesse, em si, a potência do que se constrói. Trata-se, portanto, de um movimento em que o amor não apenas começa, mas se anuncia como permanência possível.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em meio às tentativas de compreender aquilo que, por natureza, escapa a definições rígidas, a compreensão do amor, em sua densidade ontológica e em suas múltiplas formas de manifestação, exige um olhar que ultrapasse abordagens reducionistas e se abra à complexidade das relações humanas. Ao longo da história do pensamento ocidental, o amor foi interpretado ora como impulso, ora como construção simbólica, ora como prática social, sendo constantemente reelaborado à luz das transformações culturais, econômicas e tecnológicas. Na contemporaneidade, marcada pela intensificação das interações mediadas por tecnologias digitais, essa experiência ganha novas camadas de sentido, exigindo articulações teóricas que deem conta de sua dimensão simultaneamente subjetiva, relacional e histórica.

Sob o prisma sociológico, Giddens (1993) introduz a noção de “amor confluyente”, caracterizando-o como uma forma de vínculo pautada na reciprocidade, na escolha contínua e na negociação permanente entre os sujeitos. Diferentemente das formas tradicionais de união, ancoradas em estruturas rígidas e normativas, o amor contemporâneo se sustenta na comunicação emocional e na construção reflexiva da intimidade. Nessa perspectiva, o vínculo não é um dado pré-estabelecido, mas uma realidade em constante elaboração, alimentada pelo reconhecimento mútuo e pela disposição em permanecer.

O amor confluyente é ativo, contingente e, sobretudo, dependente da comunicação emocional entre parceiros que se reconhecem como sujeitos autônomos. Ele não se ancora na obrigação, mas na escolha reiterada, na capacidade de compartilhar experiências e na construção de um espaço de intimidade que não elimina as diferenças, mas as acolhe como parte constitutiva da relação. Trata-se de um amor que exige presença, ainda que esta não seja necessariamente física, mas profundamente simbólica e afetiva (Giddens, 1993, p. 61-62).

Essa centralidade da comunicação como elemento estruturante das relações afetivas contemporâneas encontra ressonância na análise de Castells (2003), ao discutir a sociedade em rede. Para o autor, as tecnologias digitais não apenas ampliam as possibilidades de interação, mas também reconfiguram as formas de constituição dos vínculos, permitindo que relações significativas se desenvolvam para além das limitações espaciais e temporais. Assim, o ambiente virtual deixa de ser compreendido como espaço de superficialidade para se afirmar como território legítimo de produção de sentidos e afetos.

No campo da psicologia, a compreensão do amor passa, inevitavelmente, pela análise dos processos de identificação e reconhecimento. Freud (1921) já apontava que a identificação constitui uma das formas mais primitivas de ligação emocional, sendo responsável por estabelecer vínculos profundos entre os sujeitos. Tal conceito permite compreender por que determinados encontros, ainda que recentes, podem ser vivenciados com intensidade e familiaridade, como se algo anterior à própria experiência estivesse sendo reativado.

Complementando essa abordagem, a teoria triangular do amor, proposta por Sternberg (1986), oferece uma chave interpretativa relevante ao articular três dimensões fundamentais: intimidade, paixão e compromisso. Embora essas dimensões possam se desenvolver em ritmos distintos, a intimidade — entendida como proximidade emocional, partilha e confiança — pode emergir precocemente, sobretudo em contextos marcados por intensa troca simbólica, como aqueles mediados pela linguagem escrita.

A dimensão cultural do amor, por sua vez, é amplamente explorada por Illouz (2007), ao demonstrar como as emoções são atravessadas por estruturas sociais e econômicas que influenciam a forma como os indivíduos vivenciam e expressam seus afetos. Para a autora, o amor contemporâneo é indissociável das condições culturais que o moldam, sendo simultaneamente uma experiência íntima e um fenômeno socialmente produzido.

As emoções não são apenas estados internos, mas práticas sociais mediadas por repertórios culturais que orientam a forma como os indivíduos interpretam, expressam e legitimam seus sentimentos. O amor, nesse sentido, não é apenas vivido, mas também aprendido, narrado e reconhecido dentro de determinados quadros simbólicos que lhe conferem sentido e inteligibilidade. Mesmo as experiências mais íntimas são atravessadas por estruturas sociais que as tornam possíveis (Illouz, 2007, p. 12-14).

Ao lado dessas contribuições, a análise de Bauman (2004) sobre a modernidade líquida oferece um contraponto crítico ao evidenciar a fragilidade dos vínculos na contemporaneidade. Contudo, mais do que afirmar a dissolução das relações, o autor aponta para uma tensão permanente entre o desejo de conexão e o medo da perda de autonomia, revelando que o amor contemporâneo se constrói em meio a paradoxos.

Entretanto, reduzir o amor atual à ideia de fragilidade seria ignorar sua potência de reinvenção. Como argumenta Han (2017), em uma sociedade marcada pela lógica do desempenho e da hiperexposição, o amor se torna um dos poucos espaços de resistência, na medida em que implica abertura ao outro e disposição para a alteridade. Amar, nesse contexto, não é apenas sentir, mas permitir-se ser afetado, deslocando-se de si em direção ao outro.

Quando o encontro com o outro deixa de ser mera aproximação e se transforma em experiência de deslocamento de si, essa abertura à alteridade encontra eco na filosofia de Badiou (2013), que compreende o amor como experiência de construção de mundo a partir da diferença. Para o autor, amar é sustentar a

existência de dois pontos de vista sem reduzi-los a um, produzindo uma verdade que emerge da relação e não da individualidade isolada.

Ao reunir diferentes matrizes interpretativas que atravessam o fenômeno amoroso, a fundamentação teórica aqui mobilizada permite compreender o amor contemporâneo como uma experiência complexa, que articula dimensões subjetivas, sociais e culturais. Longe de ser um fenômeno homogêneo, ele se manifesta de maneiras diversas, especialmente em contextos mediados por tecnologias digitais, onde a ausência de presença física não impede, e por vezes intensifica, a construção de vínculos significativos.

À luz dessas contribuições, consolida-se a compreensão de que o amor, longe de se reduzir a definições estáticas, ao reconhecer que pode emergir como reconhecimento imediato, sustentado por processos de identificação, comunicação e escolha, torna-se possível compreender que determinadas experiências afetivas, ainda que recentes no tempo, carregam em si uma densidade que desafia explicações simplistas. São vínculos que não se explicam apenas pelo que são, mas pelo que fazem sentir, como se, no instante em que nascem, já trouxessem consigo a promessa silenciosa de permanência.

3 METODOLOGIA

A construção deste estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, orientada pela compreensão do fenômeno amoroso em sua dimensão subjetiva, simbólica e relacional. Tal escolha metodológica justifica-se pela necessidade de apreender sentidos, experiências e significados que não se deixam reduzir a mensurações objetivas, mas que se manifestam na densidade das vivências e na complexidade das interações humanas. Conforme assinala Minayo (2014), a pesquisa qualitativa ocupa-se do universo dos significados, das motivações, das crenças e dos valores, constituindo-se como um campo privilegiado para a análise de fenômenos que envolvem a experiência humana em sua profundidade.

A investigação desenvolve-se a partir de um delineamento descritivo-reflexivo, fundamentado na articulação entre experiência vivida e referencial teórico consolidado. Nesse sentido, a narrativa que sustenta a análise não é tomada como relato meramente individual, mas como expressão de um fenômeno que pode ser interpretado à luz de categorias analíticas construídas no campo das ciências humanas e sociais. A opção por essa perspectiva encontra respaldo em Gil (2008), ao afirmar que pesquisas de caráter descritivo buscam identificar, analisar e interpretar fenômenos, estabelecendo relações entre variáveis sem a pretensão de interferir diretamente sobre elas.

O percurso metodológico assume, ainda, características de uma investigação de cunho fenomenológico-hermenêutico, na medida em que se propõe a compreender a experiência amorosa a partir do modo como ela se revela à consciência dos sujeitos envolvidos, valorizando a dimensão do vivido e da interpretação. Tal orientação dialoga com a compreensão de que a realidade social não é um dado fixo, mas uma construção contínua, atravessada por sentidos que emergem da relação entre sujeito e mundo. Nessa

direção, Triviños (1987) destaca que a abordagem fenomenológica busca captar a essência dos fenômenos a partir da experiência concreta, respeitando sua complexidade e singularidade.

A pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica procura compreender os fenômenos tal como se manifestam na experiência dos sujeitos, considerando que a realidade não se apresenta de forma objetiva e independente, mas é constantemente interpretada e ressignificada. O investigador, nesse contexto, não se coloca como mero observador externo, mas como intérprete que busca desvelar os sentidos presentes nas vivências, reconhecendo a inseparabilidade entre sujeito, experiência e significado (Triviños, 1987, p. 128-129).

A produção dos dados ocorreu por meio da sistematização reflexiva de uma experiência de construção de vínculo afetivo iniciada em ambiente digital, compreendida como um campo legítimo de interação e produção de sentidos. Essa experiência foi analisada a partir de registros narrativos elaborados de forma contínua, contemplando percepções, sentimentos e processos de construção do vínculo, sempre em diálogo com os referenciais teóricos mobilizados. Tal procedimento aproxima-se daquilo que Flick (2009) denomina como análise de dados qualitativos baseada em narrativas, na qual o relato não é apenas descritivo, mas interpretativo, permitindo a construção de compreensões mais amplas sobre o fenômeno investigado.

A análise dos dados foi conduzida por meio de uma leitura interpretativa, orientada por categorias previamente identificadas na literatura, tais como reconhecimento, identificação, intimidade, comunicação e construção do vínculo. Entretanto, respeitou-se a abertura necessária para que novas categorias emergissem a partir do próprio material analisado, em consonância com a perspectiva de análise qualitativa flexível defendida por Bardin (2011). Dessa forma, buscou-se evitar enquadramentos rígidos, privilegiando uma interpretação sensível e coerente com a natureza do fenômeno estudado.

No que se refere aos aspectos éticos, preservou-se a não identificação direta dos sujeitos envolvidos, garantindo o caráter confidencial e simbólico da experiência analisada. A narrativa foi construída de modo a respeitar a singularidade do vivido, sem expor elementos que pudessem comprometer a privacidade ou a integridade dos participantes, em conformidade com os princípios éticos que orientam as pesquisas nas ciências humanas.

A opção por uma escrita que articula rigor acadêmico e sensibilidade estética não configura um afastamento do método, mas uma escolha epistemológica coerente com o objeto investigado. Considerando que o amor se manifesta também na linguagem, na forma e na expressão, a elaboração textual buscou preservar a densidade do fenômeno, evitando reduzi-lo a categorias puramente técnicas. Como destaca Demo (2012), a pesquisa qualitativa exige não apenas método, mas também sensibilidade interpretativa, sendo a escrita parte constitutiva do próprio processo de construção do conhecimento.

Mais do que um percurso técnico a ser descrito, trata-se de um movimento que se inscreve na própria lógica da investigação, o percurso metodológico aqui delineado não se limita a descrever um processo, mas constitui-se como parte integrante da própria investigação, na medida em que reconhece que compreender o amor implica também encontrar formas de dizê-lo sem empobrecê-lo. Assim, a metodologia assume não apenas uma função instrumental, mas também expressiva, permitindo que o fenômeno investigado seja apreendido em sua complexidade, sem perder de vista sua dimensão profundamente humana.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A experiência analisada revela, com singular intensidade, que o amor contemporâneo não se limita às formas tradicionais de encontro, mas se reinventa nos interstícios da linguagem, da escuta e da presença simbólica. Em um cenário mediado por tecnologias digitais, onde a materialidade do corpo cede lugar à potência da palavra, o vínculo não apenas se torna possível, mas, em determinadas circunstâncias, adquire uma densidade que desafia explicações apressadas. O que se observa, portanto, não é a ausência de realidade, mas a emergência de uma outra forma de presença, sustentada pelo reconhecimento e pela reciprocidade.

Desde os primeiros momentos, evidencia-se um fenômeno que ultrapassa a casualidade do encontro: a sensação de familiaridade imediata. Tal percepção, longe de ser meramente subjetiva ou ilusória, pode ser compreendida à luz dos processos de identificação descritos por Freud (1921), nos quais o sujeito reconhece no outro traços que lhe são, de algum modo, constitutivos. Esse reconhecimento não se ancora em dados objetivos, mas em uma espécie de sintonia afetiva que antecede a racionalização, instaurando um campo de proximidade que se constrói antes mesmo da convivência física.

Nesse contexto, a comunicação assume um papel estruturante. A troca constante de palavras, mediada pela escrita, não apenas substitui o contato presencial, mas o ressignifica, conferindo centralidade à escuta e à expressão. Como destaca Giddens (1993), a intimidade nas sociedades contemporâneas é profundamente dependente da capacidade de compartilhar experiências emocionais por meio da comunicação, o que permite a construção de vínculos baseados na confiança e na abertura.

A intimidade, tal como se configura nas relações modernas, não depende exclusivamente da proximidade física, mas da capacidade de os indivíduos se revelarem mutuamente em um processo contínuo de comunicação emocional. Esse processo envolve não apenas a troca de informações, mas a construção de um espaço de confiança no qual o outro é reconhecido em sua singularidade. A relação se fortalece à medida que essa abertura se intensifica, produzindo um vínculo que, embora possa nascer em condições improváveis, adquire consistência a partir da reciprocidade e do cuidado (Giddens, 1993, p. 92-93).

Ao longo do processo analisado, observa-se que o vínculo não se estabelece de forma abrupta, mas se constrói gradualmente, por meio de uma presença constante que se manifesta na atenção aos detalhes,

na disponibilidade e no cuidado com o outro. Essa construção cotidiana aproxima-se da noção de amor como prática, conforme discutida por hooks (2021), ao compreender o amor não apenas como sentimento, mas como ação deliberada que envolve responsabilidade, respeito e compromisso.

A dimensão do respeito, aliás, revela-se como elemento central na consolidação do vínculo. Em um contexto social frequentemente marcado por relações efêmeras e descartáveis, a escolha por permanecer, por escutar e por acolher o outro em sua integralidade configura-se como um gesto de resistência à lógica da liquidez apontada por Bauman (2004). O amor, nesse sentido, não se apresenta como fuga da realidade, mas como afirmação de um modo de estar no mundo que privilegia a permanência e a construção conjunta.

Outro aspecto relevante diz respeito à capacidade do vínculo de se sustentar mesmo na ausência inicial da presença física. Tal fenômeno pode ser compreendido a partir da análise de Castells (2003), ao afirmar que as interações na sociedade em rede não são menos reais, mas diferentes em sua forma de manifestação. A virtualidade, longe de implicar superficialidade, possibilita a criação de espaços de encontro nos quais a linguagem e a subjetividade ocupam lugar central.

A intensidade do vínculo analisado sugere, ainda, a presença de elementos que se aproximam daquilo que Sternberg (1986) denomina como intimidade emocional, caracterizada pela proximidade, pela partilha e pela construção de confiança. Mesmo em um estágio inicial, essa dimensão mostra-se fortemente presente, indicando que o tempo cronológico nem sempre corresponde ao tempo afetivo. Há experiências que, embora recentes, já carregam a densidade de relações consolidadas.

A intimidade, enquanto componente do amor, refere-se ao sentimento de proximidade, conexão e vínculo entre os indivíduos. Ela se manifesta na partilha de pensamentos, emoções e experiências, criando uma base sólida para o desenvolvimento da relação. Ainda que outras dimensões do amor se desenvolvam ao longo do tempo, a intimidade pode emergir de forma precoce, especialmente quando há abertura emocional e reciprocidade (Sternberg, 1986, p. 121-122).

A análise permite, portanto, compreender que o amor, nesse contexto, não se configura como um evento isolado, mas como um processo em contínua construção. Trata-se de um movimento que articula reconhecimento, comunicação, escolha e permanência, produzindo um vínculo que se fortalece à medida que é vivido. Essa perspectiva encontra ressonância na reflexão de Badiou (2013), ao afirmar que o amor é uma experiência que constrói um mundo a partir da diferença, sustentando a coexistência de dois sujeitos sem anulá-los.

Importa destacar, ainda, que a experiência analisada se inscreve em um contexto marcado por desafios sociais e culturais, especialmente no que se refere à afirmação de vínculos que, historicamente, foram marginalizados. Nesse sentido, o amor que se constrói entre dois sujeitos que compartilham uma mesma condição de existência revela não apenas uma experiência afetiva, mas também um gesto político

de afirmação e resistência, conforme discutido por Butler (2015), ao abordar as normas que regulam os corpos e os afetos.

O conjunto das evidências analisadas permite afirmar que, a análise e discussão dos resultados indicam que o amor contemporâneo, mesmo quando iniciado em ambientes digitais e em contextos considerados improváveis, pode se constituir como uma experiência profunda, significativa e duradoura. O que se observa não é a fragilidade do vínculo, mas sua capacidade de se reinventar, de encontrar novas formas de existir e de se afirmar.

No limite do que pode ser apreendido entre experiência e significado, o que emerge dessa vivência não é apenas o relato de um encontro, mas a evidência de que o amor, quando sustentado por reconhecimento, respeito e cumplicidade, transcende as circunstâncias de seu início. Ele cresce, se fortalece e se transforma, revelando que, em certos casos, o começo não é apenas um ponto de partida, mas já contém, em si, a promessa silenciosa de um todo que insiste em se construir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o percurso desenvolvido ao longo deste estudo, torna-se possível afirmar que a investigação alcança seu objetivo central ao evidenciar que o amor contemporâneo, mesmo quando iniciado em contextos mediados por tecnologias digitais, pode constituir-se como uma experiência legítima, profunda e dotada de continuidade. Longe de representar um enfraquecimento das relações afetivas, tais formas de encontro revelam a capacidade humana de ressignificar modos de vinculação, ampliando as possibilidades de construção de sentido, reconhecimento e pertencimento.

A análise realizada permitiu compreender que o vínculo amoroso não se define exclusivamente pela presença física ou pela duração temporal, mas pela qualidade das interações que o sustentam. Elementos como escuta sensível, identificação subjetiva, reciprocidade e construção cotidiana emergem como fundamentos estruturantes de relações que, ainda que recentes, apresentam densidade afetiva significativa. Nesse sentido, confirma-se a hipótese de que determinadas experiências amorosas podem se afirmar desde seus instantes iniciais como vínculos consistentes, desafiando interpretações que associam o tempo à profundidade das relações.

Os resultados evidenciam, ainda, que o ambiente digital, frequentemente associado à superficialidade, pode operar como espaço fértil para a constituição de vínculos autênticos, sobretudo quando mediado por práticas comunicacionais marcadas pela presença simbólica, pelo cuidado e pelo reconhecimento do outro em sua singularidade. O que se observa não é a substituição do real, mas a emergência de novas formas de presença, nas quais a linguagem e a subjetividade assumem papel central na construção da intimidade.

Do ponto de vista das contribuições, este estudo reforça a necessidade de ampliar o olhar sobre o amor na contemporaneidade, reconhecendo sua complexidade e sua inserção em contextos sociais, culturais e tecnológicos em constante transformação. Ao articular diferentes referenciais teóricos com uma experiência concreta, o trabalho contribui para o campo das ciências humanas ao tensionar leituras reducionistas e ao afirmar o amor como fenômeno relacional dinâmico, atravessado por dimensões simbólicas, históricas e subjetivas.

Entretanto, é importante reconhecer que a natureza qualitativa e interpretativa da pesquisa delimita o alcance de suas conclusões, indicando a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão dos vínculos afetivos em contextos digitais, contemplando diferentes perfis, experiências e atravessamentos sociais. Investigações futuras podem explorar, por exemplo, as implicações dessas formas de encontro em diferentes faixas etárias, contextos culturais ou configurações identitárias, ampliando o debate e consolidando um campo ainda em construção.

Por fim, permanece como reflexão central a compreensão de que o amor, em sua dimensão mais profunda, resiste às tentativas de enquadramento simplificado. Ele se reinventa, se desloca e se afirma, mesmo em cenários marcados pela incerteza. Há encontros que não apenas acontecem, mas transformam, instaurando vínculos que, desde o início, carregam a força de algo que não se explica apenas pelo tempo, mas pela intensidade com que é vivido. E talvez resida aí uma de suas maiores potências: a de revelar que, em certos casos, começar já é, em si, uma forma de permanecer.

REFERÊNCIAS

BADIU, Alain. **Elogio do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. **A agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

ILLOUZ, Eva. **Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism**. Berkeley: University of California Press, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

STERNBERG, Robert J. **A triangular theory of love**. *Psychological Review*, Washington, v. 93, n. 2, p. 119-135, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.